

VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE: INTERSEÇÕES LITERÁRIAS DO FEMININO NA BÍBLIA

- **Justificação do título:** intuição de que há uma visibilidade do feminino na Bíblia, mas também uma invisibilidade... isto é um feminino, igualmente, importante e determinante que tem uma presença literária diferente (mostra/esconde)... e que por isso não criou o mesmo impacto histórico, social e até mesmo religioso...

- **Estudo em elaboração:** decidi que a minha apresentação não seria fazer um apanhado de alguns estudos bíblicos sobre esta questão do feminino na Bíblia, mas apresentar-vos alguns traços do estudo que já iniciei e aproveitar a vossa presença para escutar as vossas reações...

- **As perguntas que motivam este estudo:** será possível conseguir uma compreensão do feminino na bíblia com uma perspetiva integradora, onde o feminino e o masculino interagem na dinâmica da revelação... O que é que é verdadeiramente visível na revelação bíblica e o que é que fica, frequentemente invisível... isto acontece apenas com o feminino ou também com o masculino?

- **Algumas observações / descobertas:**

* a constatação de uma diversidade de releituras de exegetas (h/m) oriundas do mundo judaico e cristão, que partilhando uma parte da Bíblia releem de modos muito diversos o feminino na bíblia...

* a constatação de que muitas vezes estas releituras divergem segundo a época em que se situam, i.e. que de algum modo foram influenciadas por diversas questões sociais e religiosas... a releitura de uma feminista difere, de algum modo, de uma releitura de exegeta mais clássica... que não tem outra ambição que a de ler o texto...

* a constatação de que o estudo bíblico desta questão do feminino na bíblia é algo que não só motivou, mas também tem sido motivado/influenciado pela arte em todas as suas vertentes: literatura, cinema, pintura, escultura, música...

... isto faz com que o arco iris tenha muitos matizes e que esta questão, nunca possa ser contida num único estudo... apanharemos alguma coisa, mas pressentiremos sempre que ainda ficou muito por apreender.

Existe uma expressão muito querida à tradição rabínica:

תּוֹרָה הוֹרָה *Torah horah*

(«A Escritura é/está grávida»)

Trata-se de uma expressão muito sugestiva de uma compreensão da Escritura, não como um livro apenas repleto de palavras, sufixos ou pronomes no feminino e masculino; mas um livro que na sua essência é semelhante a um “útero”, que numa indizível intimidade, gera os seus leitores para a luz e a vida.¹

Esta perceção rabínica questiona vigorosamente uma cultura que, muitas vezes se fixa na materialidade da letra, ou até mesmo em leituras simplistas e unilaterais, olhando sempre para a Bíblia como um texto que apenas expressa um pensamento patriarcal, valorizando fundamentalmente a ação masculina, na figura dos seus grandes líderes e heróis (Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, David...).

A perceção rabínica da Escritura como um útero não só denuncia estes olhares superficiais, como nos desafia a atitudes novas de aprender a sondar a interioridade do texto e da palavra.

Enquanto um livro de vida, as Escrituras / ou Bíblia é e será sempre um lugar onde o masculino e o feminino apela a uma verdade em Deus que nos surpreenderá constantemente. Vislumbrar a visibilidade e a invisibilidade do feminino na Bíblia apresenta-se como um caminho para chegar a esta verdade, que tenderá sempre, de algum modo, a escapar-nos...

¹ Cf. A. WENIN, *Vives femmes de la Bible* (Le Livre et le rouleau, 29 ; Lessius ; Bruxelles 2007) 7.

O feminino, nas Escrituras / Bíblia está bem mais vivo e participante do que frequentemente nos parece a nós próprios ou o que muitos outros nos querem fazer crer.²

Fragilidade das impressões imediatas e convencionais

Existe uma ideia – amplamente difundida - de que no texto Bíblico, o tempo narrativo confina a expressão do feminino à sombra de um protagonismo masculino, que tende a assumir sempre o controlo das diferentes situações (religiosas (Aliança Abraão), sociais (Moisés), políticas (David))...

No entanto, não são poucas as circunstâncias em que, na Bíblia, as mulheres, na sua força de contornos bem femininos, assumem opções que determinam o futuro de um povo ou de um grupo.

No livro do Êxodo, Sifra e Pua ousam recusar-se obedecer a um Faraó, em nome de uma obediência ao Deus da vida. Determinadas e prontas a defender a vida, mostram saber bem o que devem fazer para evitar enredar-se nos impasses da injustiça e da violência.

A juíza e profetiza Débora, a rainha Esther, Rute, a mulher simples de Moab são de uma audácia inesperada, uma de uma singular capacidade de ponderação que não tem outros paralelos; e, neste sentido, poderíamos virar a página para as Escrituras cristãs: e Maria de Nazaré, Maria Madalena, Maria de Betânia, Lídia... que agem e decidem o futuro da sua própria vida.

Neste sentido, podemos afirmar que, não este entendimento convencional de submissão ao masculino, não é verdadeiro. Existe uma visibilidade literária bem viva e atuante do feminino que atravessam a narrativa bíblica. Independentemente, de um agir ou liderança masculina, o texto bíblico dá uma visibilidade a palavras e gestos femininos inesperados e até mesmo inauditos.³

² Cf. C. CHALIER, *Les matriarches. Sarah, Rebecca, Rachel et Léa* (Cerf ; Paris 2010)7-8.

³ Cf. C. CHALIER, *Les matriarches. Sarah, Rebecca, Rachel et Léa* (Cerf ; Paris 2010) 9.

Cito a título de exemplo:

- as palavras da escrava de Sara, Hagar, que depois da conversa com o mensageiro divino reconhece Deus como «אֱלֹהֵי רָאִי» («o Deus que me vê» Gn 16,13);
- as palavras de Hannah, que ao entregar o filho Samuel (Shemu’el = Deus da escuta), balbucia o primeiro magnificat לְבִי בִיהוָה עֲלָץ das Escrituras («Exulta o meu coração no Senhor» 1Sm 2,1);
- e como não associar aqui, as palavras incisivas da mulher sirofenícia, que insiste dizendo a Jesus «Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos» (Mt 15,27);
- ou lembrar ainda, o pensamento e o gesto da mulher, sem nome, que no seu desespero apenas acredita que bastará tocar o manto de Jesus para ficar curada (Mc 5,28) ou o da mulher que era conhecida como pecadora, e no entanto, não teme colocar-se aos pés de Jesus, lhe regar os pés com as suas lágrimas e os enxugar com os seus cabelos (Lc 7,44).

Palavras e gestos inesperados e inauditos para aquela cultura, e que ainda hoje prevalece em muitos aspetos e lugares... e atrevo-me a dizer, até para nós hoje: quem teria coragem...

Visibilidade negativa: Dalila...

Esta visibilidade – que muitas vezes se pretende ocultar / ou idolatrar – é de tal modo significativa que, no âmbito de uma cultura ocidental, continua a ser inspiradora de uma galeria de imagens femininas inigualável em toda a literatura. A vida destas mulheres, a diversidade e singularidade do seu destino e a influência que a história da sua vida exerceu tornam-nas únicas.

Podemos perguntar-nos, porque é que estas mulheres tão distantes de nós no tempo e tão brevemente descritas, permanecem tão vivas no nosso imaginário? Não é meramente, porque eles aparecem nas Escrituras: é porque elas são profundamente seres vivos, tão reais quanto nós o somos. Não são seres mitológicos... são mulheres reais, que viveram numa história real e a assumiram de uma forma humana que ainda hoje nos desafia, no que ela teve de positivo ou de negativo.

Quadro (1)

Abi to Zipporah

Abi	Dorcas	Keturah	Rachel
Abia or Abiah	Drusilla	Kezia	Rahab
Abigail	Eglah	Leah	Rebekah, Rebecca
Abigail No. 2	Elisabeth	Lois	Reumah
Abihail	Elisheba	Lo-Ruhamah	Rhoda
Abihail No. 1	Ephah	Lydia	Rizpah
Abihail No. 2	Ephrath	M	Ruth
Abihail No. 3	Esther	Maachah	Salome No. 1
Abijah	Eunice	Mahalah, Mahlah	Salome No. 2
Abishag	Euodias	Mara	Sapphira
Abital	Eve	Martha	Sarah, Sarai, Sara
Achсах	Gomer	Mary	Serah
Adah No. 1	Hadassah	Mary Magdalene	Shelomith
Adah No. 2	Hagar	Mary of Bethany	Shelomith No. 1
Agar (see Hagar)	Haggith	Mary, the Mother of James and Joses	Shelomith No. 2
Ahinoam No. 1	Hammoleketh	Mary, Mother of John	Shelomith No. 3
Ahinoam No. 2	Hammolecheth	Mark	Sherah, Sheerah
Ahlai No. 1	Hamutal	Mary of Rome	Shimeath
Ahlai No. 2	Hannah	Matred	Shimrith (Compare Shomer)
Anah	Hazelelponi, Zelelponi	Mehetabel	Shiphrah
Anna	Helah	Merab	Shomer
Apphia	Hepzibah	Meshullemeth	Shua
Asenath	Herodias	Michaiah	Susanna
Atarah	Hodesh	Michal	Syntyche
Athaliah	Hodiah	Milcah No. 1	Tabitha (See Dorcas)
Azubah No. 1	Hoglah	Milcah No. 2	Tahpenes
Azubah No. 2	Huldah	Miriam No. 1	Tamar
Baara	Hushim	Miriam No. 2	Tamar No. 1
Bashemath, Basemeth	Iscah	Naamah No. 1	Tamar No. 2
Basmath	Jael	Naamah No. 2	Tamar No. 3
Bashemath No. 1	Jecholiah, Jecoliah (RV)	Naarah	Taphath
Bashemath No. 2	Jedidah, Jedida	Naomi	Thamar (See Tamar)
Bashemath No. 3	Jehoaddan	Nehushta	Timna
Bathsheba	Jehosheba, Jehoshabeath	Noadiah	Tirzah
Bernice	Jehodijah (see also Hodiah)	Noah	Tryphena and Tryphosa
Bilhah	Jemima	Oholibamah (see Aholibamah)	Vashti
Bithiah	Jerioth	Orpah	Zebudah, Zebidah
Candace	Jerusha, Jerushah	Peninnah	Zeresh
Chloe	Jezebel No. 1	Persis	Zeruah
Claudia	Jezebel No. 2	Phanuel	Zeruiah
Cozbi	Joanna	Phebe, Phoebe	Zibiah (Tsibiah)
Damaris	Jochebed	Prisca (See Priscilla)	Zillah
Deborah No. 1	Judah	Priscilla	Zilpah
Deborah No. 2	Judith	Puah	Zipporah
Delilah	Julia		
Dinah	Keren-Happuch		

Os desafios de uma invisibilidade feminina

A par de uma visibilidade, existe uma invisibilidade desconcertante do feminino, por muitos desconhecida. Existem muitas mulheres, que a narrativa associa a homens e eventos marcantes que não aparecem mencionadas com a mesma relevância. Muitas permaneceram e permanecerão para sempre numa invisibilidade inexplicável:

- “Por exemplo, temos os nomes dos filhos de Noé, mas não os de sua esposa e nora.
- Temos um retrato completo de “Ló”, mas o silêncio prevalece quanto aos nomes de sua esposa e duas filhas.

Não há resposta satisfatória para o silêncio das Escrituras sobre a identidade destas mulheres, muitas delas sem nome.

Embora, por alguma razão inescrutável, os nomes de tantas mulheres nobres tenham ficado escondidos de nós, eles têm algo da imortalidade e constituem esboços vivos de mulheres que são / serão apenas “lembradas apenas pelo que fizeram”.

Seed of Woman	Queen of Heaven	Diana of the Ephesians
Pagan Goddesses	Women that Sew Pillows	Women Silent in Churches
Passing the Love of Women	Corrupted Daughter of Women	Women Professing Godliness
King’s Daughter—Honorable and Glorious	Woman and her Meal	Idle Women
Rahab Cut in Pieces	Woman with Seven Husbands	Silly Women
Daughters as Corner Stones	Woman at the Mill	Aged and Young Women
Mothers like Merchant Ships	The Ten Virgins	Elect Lady
Females as Snares and Nets	Spiritual Motherhood	Women in the Apocalypse
The Shulamite	Woman Who Lost Her Silver Coin	Jezebel
Careless Women	Importunate Widow	The Woman Clothed with the Sun
The Lady of Kingdoms	Daughter of Sion	The Mother of Harlots
Woman Who Forgets Her Child	Woman in Travail	Babylon the Queen
Mothers Who Comfort	Unbelieving Wife	The Bride, The Lamb’s Wife

Entre a multiplicidade de estudos que nos podem ajudar a uma reflexão séria, situam-se os livros de Catherine Chaliel (católica francesa convertida ao judaísmo, professora de filosofia, e grande especialista da obra de Emmanuel Levinas, autora de inúmeras obras sobre os laços entre o pensamento hebraico e a filosofia). Nos seus estudos encontramos bem expressa a recusa de todas as formas de encarcerar o feminino numa condição que separe a mulher do destino mais alto de todo o ser humano, reservado à virilidade.⁴ **Nomeadamente, a recusa a uma tendência de confinar a expressão do feminino na Bíblia à mulher do espaço interior, da intriga amorosa, ou até mesmo do eterno feminino... A sua proposta desafia-nos à percepção de um feminino pleno, que a Bíblia nos desvela numa extraordinária capacidade de saber existir não para si, mas de ser para o outro, numa quase inabarcável capacidade de amar.**

É neste sentido que Catherine Chaliel avalia as grandes matriarcas de Israel: **Sara, Rebeca, Raquel e Lea, que na fragilidade e na força da sua existência, desempenharam num papel crucial numa História Salvífica de Eleição e de Aliança.** Ninguém como elas soube vigiar e a realização desta Aliança e ninguém como elas nos obriga a pensar no pleno sentido desta Aliança entre deus e a humanidade, quando nos atrevemos a reler as linhas e entrelinhas da sua vida, das suas escolhas e dos seus compromissos. Por isso, compreendemos que **C. Chaliel defenda a que para compreendermos a expressão do feminino na Bíblia, não basta sublinhar o ser de mulher, de mãe, ou de esposa, mas de apreender como e porquê estas e outras mulheres, foram escolhidas para assumir a imensurável responsabilidade de resguardar uma Aliança, que é dom e fundamento da relação entre Deus e Israel, entre Jesus Cristo e a sua Igreja.**⁵

Nesta linha de pensamento ocorre situar, também, o contributo importante de Irma Traud Fischer (universidade de Graz – Áustria, professora titular de AT, presidente da Associação germânica para o estudo do AT e coautora de uma enciclopédia internacional de 22 volumes

⁴ Cf. C. CHALIER, *Figures du féminin. Lecture d'Emmanuel Lévinas, La nuit surveillée* (Ed. Verdier ; Paris 1982) : «Les mères d'Israël dans leur féminité seraient l'avènement même dans l'être de cette responsabilité, ou, du moins déjà rupture de l'être par cette bonté...».

⁵ Cf. C. CHALIER, *Les matriarches. Sarah, Rebecca, Rachel et Léa* (Cerf ; Paris 2010) 14 ; J. MURPHY-O'CONNER – C. MILITELLO – M. LUISA RIGATO, *Paolo e le donne* (Cittadella Editrice ; Assisi 2006).

com o nome «A Bíblia e as mulheres»). Num dos seus estudos publicado sob o nome *Des femmes aux prises avec Dieu*, ela não teme afirmar e demonstrar o modo como as mulheres fundadoras do povo de Israel e da dinastia davídica integram uma compreensão da história das origens de Israel que respeita a dualidade sexual.⁶ Sara é com Abraão parte integrante na realização da promessa (Gn 12-23); Rebeca é a mulher forte que decide e protege o seu esposo Isaac (Gn 24-28); Raquel e Lea, as duas grandes fundadoras da casa de Israel, são o motivo pelo qual Jacob serve Labão duas vezes 7 anos, e para que a promessa perdure as duas lutam com Deus pelo amor do seu esposo e a fertilidade do seu ventre (Gn 29-32).

O contributo de Irmtraud Fischer prolonga-se no seu interesse pelo papel relevante das mulheres profetas e no conceito de profecia que lhes corresponde. Este interesse expande-se numa pesquisa, onde a expressão do feminino na Bíblia se realiza num agir sábio.⁷ Situa-se neste âmbito, o agir sábio de mulheres como Abigail. A sua força de espírito e o seu brilhante bom senso sobrepõem-se perante a fragilidade moral do seu esposo (1Sm 25,3).⁸ Ao contrário do seu esposo (Nabal), Abigail sabe se comportar e dirigir àquele de quem a sua prosperidade e toda a sua casa depende (David). Magnânima na gestão dos seus bens, a sua mão não é como a do seu marido, não faz presentes, dá o que é necessário e ainda o supérfluo; sabe julgar com justiça e deixar-se instruir por quem não o é (1Sm 25,23-35). Podemos, ainda evocar, a mulher prevenida de Téqoa; uma mulher inteligente, chamada a uma missão delicada (2Sm 14); a mulher sábia de Abel-bet-Maaka, dotada de uma inteligência pacificadora (2Sm 20,13-22); a rainha de Saba, uma das mulheres sábias mais conhecidas do AT, que não teme colocar à prova a sabedoria do grande rei sábio Salomão (1Rs 10,1-10).

⁶ Cf. I. FISCHER, *Des femmes aux prises avec Dieu. Récits bibliques sur les débuts d'Israël* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008).

⁷ Cf. I. FISCHER, *Des femmes messagères de Dieu. Prophètes et prophétesses dans la Bible hébraïque. Pour une interprétation respectueuse de la dualité sexuelle* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008) ; ID., *Femmes sages et dame Sagesse dans l'Ancien Testament. Des femmes conseillères et éducatrices au nom de Dieu* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008).

⁸ Cf. I. FISCHER, *Gender-faire Exegese. Gesammelte Beiträge zur Reflexion des Genderbias und seiner Auswirkungen in der Übersetzung und Auslegung von biblischen Texten* (Munster 2004) 154-160; 186-198.

Estas mulheres dotadas de um agir sábio não estão sós. A expressão do feminino na Bíblia é suficientemente ampla e rica para abrigar um grupo significativo de mulheres que souberam viver em função de uma sabedoria de conselho. Estão entre elas Ester, Judite e Débora, autênticas mestras da Torah (Jz 4,4-10; Jud 11,5-7; Est 7,1-10). Na maioria dos casos, o conselho destas mulheres foi considerado como digno de atenção, por aqueles que as escutaram.

Porém, existem alguns casos em que o conselho de algumas mulheres aparece como enigmático, como o da mulher de Job que como ele recebe as notícias do desastre que assombra a sua casa e a sua família e aconselha Job a bendizer / maldizer a Deus e a morrer (Jb 2,9).⁹ (Livro...)

E não podemos nem devemos omitir o conselho ambíguo das mulheres que são incapazes de estabelecer uma distância em relação aos seus desejos. É o caso de Zarés, esposa de Aman, que cega pela sua ambição julga insuportável que alguém ouse recusar render honra ao seu esposo (Est 5-6); de Atalia a mãe que aconselha o filho a fazer o mal (2Cr 22,2-5); ou, ainda, de Jezabel, esposa de Acab, que sob o seu conselho e ordem obriga os anciãos e notáveis da cidade a matar Nabot para poder tomar a sua vinha, que o seu esposo tanto desejara (1Rs 21,8-16).

É neste contexto narrativo de sabedoria, que a expressão do feminino na Bíblia atinge um vértice inesperado na figuração feminina da sabedoria. Basta nos abirmos à leitura de algumas páginas do Livro dos Provérbios, Ben Sira e Sabedoria, para vermos de imediato erguer-se um rosto que nos surpreende pelos seus inúmeros traços femininos. A sabedoria assume a figuração de uma mulher, descrita como uma jovem, uma irmã, uma mãe, uma educadora e guia, companheira noiva e esposa.

*Eu a amei e busquei desde a minha juventude, procurei tomá-la por **esposa** e enamorei-me da sua formosura... Por isso resolvi tomá-la por **companheira** da minha vida sabendo que ela será para mim **conselheira** do bem e consolo nas preocupações e nas tristezas (Sb 8,2) Diz á sabedoria: «Tu és minha **irmã**» e chama à inteligência tua parente. (Pr 7,4); Não abandones a sabedoria e ela te guardará, ama-a e ela te protegerá... Tem-na em grande estima e ela te exaltará, glorificar-te-á se a abraçares. (Pr 4,6.8); Assim faz aquele que teme o Senhor; o que se dedica à*

⁹ CF. I. FISCHER, *Femmes sages et dame Sagesse dans l'Ancien Testament. Des femmes conseillères et éducatrices au nom de Dieu* (Lire la Bible ; Cerf ; Paris 2008) 111-123.

*lei possuirá a sabedoria. Ela virá ao seu encontro como uma **mãe** e o acolherá como uma **esposa virgem**. (Sir 15,1-2).*

Juntam-se a estes textos muitos outros onde a sabedoria aparece como uma mulher que *clama nas ruas, eleva a sua voz nas praças, grita por sobre os muros, faz ouvir a sua voz à entrada das portas da cidade* (Pr 1,20-21), falando de si e convidando a uma procura semelhança à do amado e da amada do Livro do Cântico dos Cânticos

Feliz aquele que se aplica à sabedoria... vai atrás dela como quem lhe segue o rasto e permanece nos seus caminhos, olha pela janela a sabedoria e escuta às suas portas; detém-se junto da sua morada e fixa um prego nas suas paredes; levanta a sua tenda junto dela e estabelece ali agradável morada. (Sir 14, 20.22-25); Vou levantar-me e dar voltas pela cidade, pelas praças e pelas ruas, procurarei aquele que o meu coração ama. (Ct 3,2)

Cresci como a palmeira de Ein-guedi, como roseiras de Jericó, como uma formosa oliveira na planície, cresci como plátano... (Sir 24,14); És um jardim fechado, minha irmã e minha esposa... os teus rebentos são um pomar de romãzeiras com frutos deliciosos, com alfenas e nardos, nardo e açafraão, cálamos e canela, com toda a espécie de árvores de incenso, mirra e aloés. (Ct 4,12-14)

Anne-Marie Pelletier professora francesa estudiosa de hermenêutica e exegese bíblica, que também se dedicou à questão da mulher no cristianismo e da Igreja, autora de “O cristianismo e as mulheres - Vinte séculos de história”, e “O sinal da mulher” e a primeira mulher a receber o prémio Cardeal Ratzinger, **fala-nos de uma expressão de feminino, na sabedoria bíblica, como um traço profético de Salvação, onde o mistério clarifica progressivamente o seu caminho.**¹⁰ Na interioridade misteriosamente geradora de vida, que corre nas veias das simples imagens femininas de irmã, mãe, amiga, mulher, afiança-se a presença de um feminino que precede o ser humano, na sua forma de homem ou mulher; um feminino que não interfere com a diferença de sexos, tal como ele emerge na tradição bíblica com criação do homem e da mulher, mas antes a excede de um modo único e arrebatador.

Os autores do Novo Testamento quiseram reafirmar esta expressão de feminino da sabedoria bíblica na figura feminina da Igreja, tal como o Livro do Apocalipse a descreve nos

¹⁰ PELLETIER, ANNE-MARIE, «La Sagesse au féminin dans la Bible. Un repérage de la question», in *La sagesse biblique de l’Ancien au Nouveau Testament*, Actes du XV^e Congrès de l’ACFEB, Paris 1995, 197-207.

capítulos 12 e 21. No fim dos tempos, será de novo “ELA”, como um sinal do céu, quem destruirá as forças do mal (Ap 12,1); que opondo-se à grande prostituta, assumirá a figura de uma “noiva adornada para o seu esposo” (Ap 21,2). O feminino que estava junto de Deus na criação (Pr 8) estará de novo no fim dos tempos; os tempos da nova criação, do novo céu e da nova terra (Ap 21,1-4); o tempo de Cristo, que Paulo descreve como o tempo em que «...não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gal 3,28).¹¹

A verdade é que na Bíblia, o feminino e o masculino nunca são apenas uma realidade física. Na Bíblia, o humano e o divino estão sob um horizonte de revelação, e sob de uma plenitude que os atinge no âmago, no coração do coração. No interior de uma Sara que sai da sua terra com Abrão, inaugura-se um caminho de risco e de fadiga que não se sabe onde levará. É um caminho que a leva para fora e para dentro; um caminho que a leva a tornar-se plenamente aquilo que é: mulher de Abrão e lugar de realização da promessa (Gn 12,1). Ela será o grande paradigma de um feminino que estará sempre no caminho de realização da promessa e da salvação. Depois dela, a narrativa bíblica e a História da salvação insistem na persistência de um caminhar feminino.¹² Miriam a profetiza do êxodo, guia o povo pelo caminho do deserto com Moisés (Ex 15,20-21). Noémi reencontra com Rute, a sua nora, o caminho de regresso a Judá (Rt 1,1-22). A mulher enamorada do Cântico dos Cânticos desafia os caminhos sinuosos do deserto, para procurar o amado (Ct 3,6). Maria de Nazaré fia-se nas palavras do anjo, e coloca-se de imediato a caminho, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá (Lc 1,39). Maria, chamada Madalena, Joana, a mulher de Cuza, Suzana e várias outras, seguiam Jesus nos caminhos da sua pregação (Lc 8,1-3). Febe, Prisca e Júnica estão entre as muitas mulheres que Paulo cita e reconhece no seu infatigável e generoso contributo nos caminhos percorridos no anúncio da Palavra do Evangelho (Rm 16,1-16). Tal como Sara este caminhar move-se e sustém-

¹¹ Esta inesperada e solene referência ao feminino no último livro da Bíblia, assume uma importância notável, principalmente se recordarmos a circunspeção com que os textos sinópticos se referem aos “últimos tempos”, falando apenas de um tempo em que o homem e a mulher não se tomarão um ao outro (Mt 22,23-33; Mc 12,18-27; Lc 20,27-40); cf. J.M.-O’CONNER – C. MILITELLO – M.L. RIGATO, *Paolo e le donne* (Orizzonti Biblici; Citadella Editrice; Assisi 2006).

¹² Cf. E. BOSETTI, *Donne della Bibbia. Bellezza, intrighi, fede, passione* (Orizzonti Biblici; Citadella Editrice; Assisi 2010).

se numa realidade maior que é a plenitude do ser e de um desígnio de vida de Deus no humano: algo que os autores bíblicos souberam apenas balbuciar nas palavras:

«Deus criou *’adam* à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou,
homem e mulher ele o criou.» (Gn 1,27)